

Uma reflexão acerca da presença de Saussure e da linguística em periódicos científicos

p. 101 - 110

Viviane Teresinha Biacchi Brust¹

Resumo

Ao nos inscrevermos no âmbito da História das Ideias Linguísticas, consideramos o papel fundador de Ferdinand de Saussure para os estudos lingüísticos que foram desenvolvidos nos últimos 100 anos. Para este artigo, propomos um recorte da produção intelectual nessa área nos últimos anos, elegendo o periódico científico como objeto de estudo. Dessa perspectiva, concordamos com Costa (2008), que os periódicos são os principais veículos de comunicação por terem eles três funções distintas, a saber, serem arquivo da ciência; serem veículos de divulgação e comunicação do saber; serem também meios de conferir prestígio e reconhecimento aos autores. Dentre os periódicos da área de estudos lingüísticos em circulação no Brasil, na última década, selecionamos alguns números da Revista Organon, do Instituto de Letras da UFRGS, nos seus volumes destinados à Língua e Linguística, a fim de verificar domínios, incidências e implicações daquilo que o mestre genebrino nos legou. Fazer esse recorte é dar conta das seguintes questões: que diferentes concepções linguísticas trabalham as noções de língua e sujeito?; como diferentes teorias trabalham isso?; há regularidades apreensíveis no discurso presente nessas publicações? Enfim, como se dá o processo de retomada de Saussure nos artigos científicos investigados? As primeiras incursões pelo corpus indicam, entre outras teorias, a retomada de Saussure pela Análise de Discurso, pelos Estudos Enunciativos e pela Linguística Aplicada. Com isso, visamos a dar mais um passo na compreensão da grandeza dos ensinamentos de um pensador que, nesses 100 anos, consolidou o estudo da língua, pois é no cumprimento de um destino que objeto e pesquisador, complementando-se, constroem um processo, processo esse que faz com que continue a existir a pesquisa linguística.

Palavras-chave: Saussure. Periódico científico. Discurso

Abstract

As we inscribe within the History of Linguistic Ideas, we consider the role of the founder Ferdinand de Saussure for linguistic studies that have been developed over the past 100 years. This article proposes a cut of intellectual production in this area in recent years, electing the journal as an object of study. From this perspective, we agree with Costa (2008), in terms that journals are the main means of communication and have three distinct functions, namely, being the science file; being vehicles for the dissemination and communication of knowledge; and also being means of conferring prestige and recognition to the authors. Among the journals that have been considered in the field of linguistic studies in Brazil in the last decade, we have selected a few issues of Organon, Letters Institute of UFRGS, in their volumes intended for Language and Linguistics in order to check fields, impacts and implications of what the Genevan master has left us. Making this cut is to report on the following issues: what different linguistic concepts work the notions of language and subject?; how do different theories apply?; are there graspable regularities in this discourse in these publications? Finally, how is the process of Saussure's resumption of scientific articles investigated? The first forays into the corpus indicate, among other theories, the resumption of Saussure by Discourse Analysis, by Enunciative Studies and Applied Linguistics. According to it, we aim to take another step in

¹ - Doutoranda em estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

understanding the magnitude in the teaching of this thinker who, in these 100 years, consolidated the study of language. We understand it is in the fulfillment of a destination in which object and researcher, complementing themselves, build a process, which allows to continue the linguistic research.

Keywords: Saussure. Journal. Speech

Introdução

Ao nos inscrevermos no âmbito da História das Ideias Linguísticas, consideramos o papel fundador de Ferdinand de Saussure para os estudos linguísticos que foram desenvolvidos nos últimos 100 anos, pois sua obra, como uma produção de saber, sintetiza o que constitui também um “ato de saber”, o qual, por definição, possui, segundo Aurox (p. 11, 1992), “uma espessura temporal: um horizonte de retrospectão e um horizonte de projeção. Isto é, se consideramos um certo momento na história, sua compreensão envolve a constituição de um passado e ao mesmo tempo de um futuro que dele se desdobra, um horizonte de projeção”.

Para este artigo, fazemos um recorte da produção intelectual nessa área nos últimos anos, elegendo a revista acadêmica enquanto periódico científico como objeto material de pesquisa, sendo que vemos aí espaços distintos da projeção do conhecimento linguístico atestados pelos seus diferentes modos de recortar o passado, todos eles balizados em Saussure.

A tais periódicos cabe então a divulgação de artigos que são fruto da pesquisa teórica ou aplicada, do desenvolvimento tecnológico, da análise e crítica das questões políticas, éticas e sociais, que somente aí se completa, pois está a serviço da circulação do conhecimento. Falar em conhecimento é, portanto, considerar os instrumentos que lhes dizem respeito assim como os processos de sua institucionalização. Nesse sentido, a Universidade se constitui no espaço institucional da pesquisa científica, função esta diretamente ligada à capacidade de produzir conhecimentos e formar pesquisadores. Segundo

Guimarães (2003, p. 195-196), “as universidades têm como objetivos indissociáveis a docência e a pesquisa. Ou seja, os professores universitários precisam fazer pesquisa, portanto precisam ser, necessariamente, qualificados para fazer pesquisa”. Lagazzi-Rodrigues (2002, p. 15) afirma que “a cientificidade se faz num lugar institucional. [...] Cientificidade e institucionalidade ficam sobrepostas. [...] sustentando os laços entre ciência e instituição está a legitimação. A ciência precisa legitimar-se institucionalmente”. Se a pesquisa é, então, inerente à função da Universidade, a circulação do conhecimento, como etapa final do processo de sua legitimação, também faz parte de suas atribuições. Assim, as revistas acadêmicas constituem-se como um dos instrumentos para o desempenho pleno dessa função.

I. Leitura prévia

Partimos nosso estudo do entendimento do que se constitui um periódico científico. Biojone (2001, p. 13) compreende que esta forma de publicação pode ser vista como o “canal formal utilizado no processo de comunicação científica e os artigos científicos, neles inseridos, como a forma definitiva de publicação dos resultados de pesquisa, que serão lidos e citados pela comunidade científica”, sendo que essa divulgação ocorre em periódicos específicos na área. Para a autora, “os periódicos refletem, também, de maneira clara, as transformações tecnológicas presentes nos processos sociais de comunicação, que influenciam a comunidade científica e suas exigências de atualização” (BIOJONE, 2001, p. 16). Para Costa (2008, p. 18), que considera os periódicos científicos como os principais

veículos de comunicação científica, eles teriam três funções distintas, ou seja, serem arquivo da ciência, pois, segundo ela, registram de forma permanente as descobertas e avanços científicos; serem veículos de divulgação e comunicação do saber, pois justifica que é através deles que o conhecimento fica disponível à comunidade; e, serem também meios de conferir prestígio e reconhecimento aos autores, pois os artigos neles inseridos são sempre avaliados pelos pares antes de serem publicados. Para Biojone (2001), ainda, “publicar aumenta a possibilidade de que o resultado de uma pesquisa seja lida por seus pares, legitimando-a” (BIOJONE, 2001, p. 24).

Outra questão que se torna relevante, hoje, é o suporte de tais publicações: se, anteriormente, as publicações dependiam do papel e da impressão (e de toda maquinaria que a envolve), na atualidade (também passando por uma outra maquinaria), muitas revistas têm seu lugar no espaço virtual. Não há como negar, como nos coloca Biojone (2001, p. 17) que, com as redes de comunicação, Internet e depois Web, ocorreram transformações significativas, tanto na comunicação quanto nos periódicos científicos, o que começou a se evidenciar a partir da década de 1960, trazendo então já significativas contribuições, entre elas, a publicação e a disponibilização de periódicos secundários ou de resenhas, além do acesso a dados ali armazenados. Tornando-se cada vez mais interessantes para a comunidade científica, as redes passaram, na década de 1990, a processar todos os tipos de documentos utilizados na comunicação da ciência, disponibilizando também a informação primária e facilitando acesso ao texto completo. Além disso, os cientistas passaram a se comunicar em linha (ou “online”), criando as listas de discussões e facilitando o surgimento dos periódicos científicos em formato eletrônico; com isso, salientam-se os seguintes fatos: a rapidez da comunicação, a ausência de problemas de espaço e

a possibilidade de haver uma forma mais informal na sua realização, além, claro, da democratização da informação, ainda segundo Biojone (2001).

Costa (2008, p. 17), distinguindo dois tipos de comunicação – a saber, a formal, mais duradoura, presente nos livros, relatórios e periódicos e a informal, mais efêmera, caso de comunicações em congressos e conferências, discursos e conversas – destaca que “a comunicação entre os cientistas e o seu público sempre existiu”, e é a partir dessa colocação que nos remetemos a publicações na área da Linguística: às primeiras e a uma relevante continuidade, a revista *Organon*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

II. Um início

É sabido que a institucionalização da disciplina Linguística no país acontece na década de 1960. Assim, no primeiro momento, a Linguística assume um lugar junto aos estudos históricos, filológicos e gramaticais predominantes da época, enquanto um saber com caráter científico (ALTMAN, 2004). Data dessa época, o fato de ter sido alçada à disciplina obrigatória nos cursos de Letras, cujo impacto se deu por trazer “alguns pontos de vista inteiramente novos sobre língua e linguagem” (ILARI, 2009, p. 5) e que, “pelas circunstâncias históricas daquele momento, o Brasil conheceu a assim chamada Linguística estrutural, que destacava como principal tarefa, [...], a apreensão de sua estrutura, a partir do comportamento linguístico observado” (Ibid., p. 6).

E é nessa mesma década que surgem as primeiras publicações na área. Altman (2003) historiciza esses eventos, colocando-nos sobre os seus pontos em comum: o fato de as duas primeiras revistas terem surgido ligadas ao Instituto de Idiomas Yazigi, ou seja, em uma instituição não-acadêmica, e o de colocarem em circulação estudos advindos dos estruturalistas

norte-americanos, o que ainda não havia sido “autorizado” pelos catedráticos das Faculdades de Filosofia. Tais revistas são consideradas ainda reveladoras dos valores que agruparam em torno de si a primeira rede de linguistas brasileiros. São elas: a revista Estudos do Departamento de Pesquisas do Instituto de Idiomas Yazigi, lançada em 1961, e Estudos Linguísticos, em 1966. Sabemos, então, segundo Altman (2003), que a primeira surgiu em edição mimeografada, sendo que passou a ser impressa a partir do ano seguinte, chegando ao número de sete volumes; era voltada para o ensino de língua estrangeira e tinha como objetivo manter os professores atualizados em suas metodologias de ensino – ainda que tivesse também apresentado alguns trabalhos descritivos do português -; consta, ainda, a colocação da “necessidade de interação entre o conhecimento teoricamente produzido pela Linguística, como ciência da linguagem, e o ensino de línguas, em sala de aula (...)” (ALTMAN, 2003, p. 172). A segunda publicação periódica originou-se no Centro de Linguística Aplicada, criado pelo Instituto Yázigi, em 1966, a partir do encontro de nomes como Mattoso Câmara, Aryon Rodrigues e Gomes de Matos nos Institutos Interamericanos e nos Seminários de Linguística, e fora denominada de Estudos Linguísticos. Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada. Era então o primeiro instrumento de divulgação especializado, o qual incluía o Brasil no circuito interamericano moderno – quando começam a aparecer desvinculadas as designações Filologia e Linguística, estabelecendo os devidos distanciamentos. É desta última, de seu artigo inaugural, o texto de Aryon Rodrigues intitulado “As Tarefas da Linguística no Brasil”.

Por se tratar de um dos primeiros textos que nos tocam direta ou indiretamente, consideramos pertinente dizer a que este se refere. O texto “Tarefas da Lingüística no Brasil”, de autoria

do Prof. Aryon Dall’Igna Rodrigues, publicado então, marca, de início, dois lugares: o primeiro, atestado pela capa da edição, em que uma sugestiva ilustração remete-nos ao momento em que os estudos linguísticos dialogavam com os estudos antropológicos; o segundo, tempo em que vigorava a visão embasada no estruturalismo, caracterizada por terem como princípios, em relação ao estudo da língua, a “estruturação das línguas e sua divisão em sistemas e subsistemas, o da primazia da fala sobre a escrita, o da primazia do sincrônico sobre o diacrônico, o do relacionamento dos signos linguísticos nos planos sintagmático e paradigmático, o da exclusão da parole do objeto do estudo da linguística e o do tratamento descritivo, não normativo, dos fatos linguísticos, segundo Lobato (1978, p. 23), quando encontramos o teórico que se preocupa em falar para um público constituído de professores universitários e de ensino médio. É desse lugar que fala, do lugar de um linguista, indigenista e estruturalista. O prof. Aryon inicia, então, fazendo a distinção entre as linguísticas: a linguística pura e a linguística aplicada, estabelecendo entre elas (até pela própria organização do artigo) uma certa dependência, ao colocar que a segunda consiste no trabalho de aplicação dos conhecimentos gerados pela primeira para a resolução de problemas práticos desta e de outras ciências. Ao relacionar as “tarefas” das linguísticas, atesta a responsabilidade social através dos compromissos de cada um dos campos de pesquisa. Assim, no decorrer do texto, quanto às tarefas da linguística pura, quer seja investigação/descrição das línguas indígenas, na investigação/descrição da língua portuguesa, quer na investigação/descrição das línguas de minorias europeias e asiáticas ou na de línguas africanas, primeiramente, contextualiza, coloca sobre o que está aí relacionado, indica onde estariam as tarefas, onde se concentram as questões a serem observadas, analisadas... E diz

como fazê-lo, explicitando, pelas palavras que usa, ao discorrer sobre a metodologia a ser adotada, o seu lugar teórico. Em outras palavras, ao utilizar palavras e expressões como “estudo sincrônico”, “comparação”, “descrição”, “classificação”, “estrutura”, “língua falada”, apresenta um olhar estruturalista e, ao trazer um problema a ser sanado, cuja solução se encontra no âmbito da linguística, filia-se a um discurso pró-linguística.

Ao abordar as tarefas da linguística aplicada, refere-se a ela como o campo de aplicação dos conhecimentos gerados, produzidos pela linguística pura, como forma de solucionar problemas práticos de caráter social e educativo, assim como problemas teóricos de outras ciências. Tal campo refere-se tanto ao ensino de português como língua materna, para o que propõe uma revisão das metodologias usadas no ensino de línguas – e aqui, para nós, reside, ainda hoje, um dos pontos mais sensíveis “tocados” pela linguística, por este e mesmo por outros embasamentos teóricos -; estabelecimento de uma ortografia de natureza fonêmica, tanto para o português quanto para línguas indígenas, o que recairia na resolução de problemas no campo da alfabetização, ensino do português como língua estrangeira, incentivo a pesquisas em traduções mecânicas, com equipamentos eletrônicos, entre outros. De qualquer forma, o que se tem hoje é que a linguística aplicada ganhou maturidade e autonomia, pois também produz teoria; o que dá para ela uma outra perspectiva, distanciada da dependência da linguística pura. Diante disso, consideramos, afora as críticas que porventura possa ter, que esse texto de Aryon Rodrigues é um texto, se não fundador, de extrema relevância na/para a delimitação e instauração deste campo de estudo no país – subscrito pelos lugares ocupados por seu autor, quer na chefia de departamentos de Linguística nas instituições brasileiras, quer na fundação de cursos de pós-

graduação na área que escolheu para desenvolver suas pesquisas e pelo fato de estar marcando o espaço (político) de linguista brasileiro pensando a ciência linguística e as línguas do/no Brasil.

Esta publicação foi interrompida em 1968 e não voltou mais a ser reeditada, conforme Altman (2003, p. 177). E do que foi nela publicado, destaca a autora as características gerais da produção linguística brasileira refletidas naquele periódico: a) ênfase no estudo da modalidade oral da língua; b) privilégio de critérios formais de análise e descrição, em detrimento de critérios históricos ou semânticos; c) ênfase na autonomia da rede de inter-relações que compõem os subsistemas estruturantes das línguas naturais; d) predomínio de um referencial teórico notadamente estruturalista norte-americano; e) motivação pedagógica; f) forte retórica de ruptura em relação à metodologia de análise e formas de representação das gramáticas linguístico-pedagógicas tradicionais em defesa de uma abordagem descritiva, sincrônica, não-prescritiva; g) pequena preocupação com a teorização (ALTMAN, 2003, p. 184).

Com base no que colocamos anteriormente, podemos dizer que tais publicações inauguram uma retórica de ruptura com o que se tinha anteriormente, para uma abordagem notadamente de base científica – marcadas, evidentemente, pelo estruturalismo, principalmente nas questões de fonética e fonologia.

De toda forma, a questão lançada por Ilari (2009, p. 9), “Linguística ou Linguísticas” nos encaminha já para a possível resposta, sabendo-se que para muitas e diversas direções se encaminharam os estudos e pesquisas realizados pelos linguistas brasileiros – o que vai se estampar nas publicações dos anos seguintes. Assim, como nos diz Ilari, foram cada vez mais complexos os objetos tomados para estudo:

[...] eles passaram, por assim dizer, do fonema para o morfema, deste para a sentença e da

sentença para o texto, e acabaram deparando com problemas que exigiam em enfoque interdisciplinar, como as relações entre língua e sociedade, exploradas pela Sociolingüística, os valores ideológicos veiculados por textos que circulam numa sociedade complexa, estudados pela Análise de Discurso, o desenrolar das etapas iniciais da aquisição e os distúrbios da linguagem, estudados por diferentes ramos da Psicolingüística, o papel da língua em sociedades primitivas, estudados pela Etnolingüística e pela Lingüística Indígena (ILARI, 2009, p. 9).

Além disso, segundo o autor, a Linguística passou por profundas mudanças de orientação teórica: de um primeiro momento, estruturalista, em base aos estudos de Ferdinand de Saussure, depois, Roman Jakobson, passando por nomes como Noam Chomsky, da teoria gerativista, surgem muitas outras frentes. É um horizonte que se amplia, quer na teoria, quer na sua aplicação e, entre outras questões, nas relações que vem estabelecendo com outros campos do conhecimento. De toda forma, está em Ferdinand de Saussure, em sua obra Curso de Linguística Geral

III. Organon – parte significativa de uma continuidade

Dentre os periódicos da área de estudos lingüísticos em circulação no Brasil, na última década, está a revista *Organon*, do Instituto de Letras da UFRGS, nos seus volumes destinados à Língua e Linguística. Esta revista foi fundada em 1956 pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo edições regulares até 1969, quando foi extinta a faculdade; havia sido publicados até então 14 números. Em 1986, o Instituto de Letras, continuador do antigo Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia tomou a si o cargo de editar a revista *Organon*, tendo em vista o espaço relevante adquirido pela revista na sua primeira fase, ao veicular o pensamento dos estudiosos da mencionada instituição. É

para alguns números desse periódico, destinados à Linguística que lançaremos nosso olhar.

Como recorte temporal para este trabalho, consideramos os anos de 2002 a 2010. Desse período, nesse espaço, visamos a identificar domínios, incidências e implicações daquilo que o mestre genebrino nos legou ao dar conta das seguintes questões:

- 1) que diferentes concepções lingüísticas trabalham as noções de língua e sujeito?;
- 2) como diferentes teorias trabalham isso?;
- 3) há regularidades apreensíveis no discurso presente nessas publicações? E, por fim;
- 4) como se dá o processo de retomada de Saussure nos artigos científicos investigados?

Pautamo-nos por noções que marcam as diferentes posições teóricas, a saber, língua e sujeito: língua porque é no Curso de Linguística Geral que esta é alçada e definida a objeto das ciências lingüísticas, e sujeito porque, ao fazer a escolha pela lingüística da língua, o mestre deixa necessariamente em suspenso a lingüística da fala e, por ela, a noção segunda a que nos referimos.

Assim, temos, em publicação 2002, artigo cujo enfoque se dá na noção de língua e esta sob a perspectiva da teoria enunciativa de Benveniste, a qual apresenta “duas maneiras de ser língua”, a saber, no âmbito semiótico e no âmbito semântico. Essa concepção supõe o colocar a língua em funcionamento, quando indissociável fica a noção de sujeito, o indivíduo que atualiza a língua, a partir de uma situação referencial que inclui pessoa, tempo e espaço. Ainda nesse ano, outro artigo busca na teoria enunciativo-argumentativa de Ducrot, considerado um autor fiel a Saussure, encaminhamento necessário para pensar a metáfora em relação às noções de significação/sentido por ele mobilizadas, as quais rejeitam o “sentido literal”. Assim, dá especial atenção à noção

língua, a qual, então, conteria, enquanto estrutura, os elementos suficientes que possibilitariam ao linguista uma descrição em termos de regras pertencentes a um sistema: participante de uma lógica interna da língua estaria, então, também o semântico; o sujeito está, então, na enunciação.

Em publicações de 2004, salientamos um único artigo que toca em questões relacionadas ao pensamento saussureano. O estudo ali contido perpassa o estatuto da morfologia nos estudos gramaticais desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade. O autor destaca, a partir de Saussure, o surgimento de diversas escolas estruturalistas, entre as quais destaca o descritivismo americano, o qual se embasa na noção de língua como um conjunto de elementos que apresentam ligações de identidade e de oposição, estabelecendo, a partir disso, um modelo teórico e de análise em níveis hierarquizados, partindo dos constituintes mais simples, os fones, em direção aos mais complexos, as orações. Salientamos que o referido artigo cita Câmara, autor que trata da estrutura da língua portuguesa como um sistema, ou seja, é um autor saussureano por excelência. Na questão da morfologia o autor menciona ainda a perspectiva gerativa, a qual contesta os pressupostos estruturalistas, principalmente explicando a linguagem como faculdade inata e específica do ser humano.

No *Organon* de 2006, um dos artigos traz Saussure na preocupação e na necessidade de esclarecer os princípios epistemológicos de sua disciplina que, em *Curso de Linguística Geral*, muda o(s) rumo(s) da referida área, ocupando uma posição fundadora na consolidação do que se conhece hoje por Linguística. Os autores traçam um paralelo entre as reflexões de Saussure para Linguística e as de Durkheim para a sociologia, destacando que eles se constituem como fundadores de discursividade, pois os dois constroem as bases de cientificidade de suas

disciplinas. Para eles, Saussure foi não apenas um intelectual dedicado a penar o estatuto autônomo de uma ciência linguística, mas um homem do seu tempo, sintonizado com as discussões epistemológicas naquele momento de emancipação de diversas áreas. Neste artigo, diferentemente de outros já tratados aqui, a abordagem não se dá com as noções pensadas, mas sim como e por que tais noções o são.

No mesmo ano, há um artigo que aborda a relação de entrelaçamento entre clínica e linguagem, criando-se a expressão “clínica de linguagem” ao lidar com diferentes formas de implicação desses saberes. Para isso, escolhe a linguística que aborda língua e sujeito, diante do que três teorias de linguagem são consideradas fundamentais: as concebidas por Saussure, Jakobson e Benveniste, a partir de três critérios: primeiro, as três teorias são, a seu modo, estruturalistas; segundo critério: as três teorias fornecem proposições sobre o objeto língua; terceiro, as três teorias se constituem em três sistemas de linguagem que não dissolvem o objeto língua para se constituírem em sua especificidade. Saussure seria, então, uma espécie de ponto zero, que não contém nenhuma das outras teorias e estaria funcionando como uma alteridade teórica radical, que permitem a Jakobson e Benveniste fundarem suas próprias teorias. Cada um deles, ao tomar a palavra em relação a Saussure e em relação a sua teoria, passa a nomear “o seu Saussure”, e o constitui como o seu outro, o seu interlocutor privilegiado. Para esse autor, Saussure torna-se a condição de enunciação das teorias de Jakobson e Benveniste.

Já em 2007, apenas um artigo traz para discussão Saussure. Tal reflexão parte da constatação de que a Linguística, em especial a brasileira, ainda não promoveu um ajuste de contas com o sistema teórico saussureano, constituído por um conjunto de três referências:

a) o Curso de Linguística Geral; b) Os Escritos de Linguística Geral; c) As Palavras sob as Palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure, pois, na maioria das vezes o autor é tido como estranho à contemporaneidade das reflexões linguísticas. Para os autores, a linguística contemporânea é subsidiária da linguística saussureana, pois a língua como sistema de signos é a base a partir da qual se desenvolveu o pensamento linguístico, o que é atestado pela expressão pensamento linguístico pós-saussureano. O autor, diante disso, lança diversas questões, sendo que responde a apenas a última, sobre a atualidade hoje de Saussure nas teorias linguísticas, quando propõe pensar se Saussure está constitutivamente presente em teorias linguísticas recentes. Os autores trazem então, as teorias enunciativas para dar conta da continuidade ou ruptura com Saussure, acreditando que a enunciação não é em si um método novo, mas um olhar antigo guiado por questões e necessidades novas – o que é difícil de delimitar se isso é uma continuidade ou ultrapassagem do pensamento saussureano.

Em 2009, faz-se presente o campo de pesquisa sobre a aquisição da linguagem. Por ele, o destaque não é para o CLG, mas para as notáveis observações de Saussure a respeito da dificuldade do trabalho do investigador com a linguagem presentes nos Escritos de Linguística geral publicado em 2002, especialmente no que trata do postulado de Saussure de que o objeto da linguística não existe, não é determinado em si mesmo; antes: nomeá-lo, falar sobre ele é recorrer a um ponto de vista determinado. Assim, a partir de trabalhos neste campo, aborda a questão do método de pesquisa, isto é, o que é adotar um determinado ponto de vista e não outro e o que isso implica. Associa suas reflexões às de Saussure quando vê, tanto no campo prático quanto no teórico, as ilusões que podem daí advir e conclui que ao se privilegiar

o diálogo (relação adulto/criança), põe-se em relevo a singularidades dessa relação de alteridade.

Por fim, no periódico de 2010, estudos da linguagem associado ao ensino, onde se abrigam um campo amplo e heterogêneo dos estudos da linguagem. A autora perpassa as teorias gerativista, a linguística funcional, os estudos enunciativos, pragmáticos e discursivos – quando tamanha diversidade conduz a diferentes objetos, cujas concepções de língua são igualmente diversas. A autora esboça um panorama com o propósito de observar as diferenças e limites entre três dessas concepções; a saber, a língua sistêmica, a língua da enunciação e a língua da Análise de Discursiva. Assim, a concepção sistêmica da língua parte de Saussure, centrando-se no corte epistemológico que cindiu a linguagem em língua e fala; já a concepção enunciativa volta-se aos trabalhos de Benveniste que, segundo a autora, evidenciaram que muitos aspectos, relegados ao residual da fala por Ferdinand de Saussure, poderiam ser estudados em sua regularidade, permitindo examinar as marcas do homem na língua; a teoria discursiva, por sua vez, institui-se questionando o corte epistemológico saussureano língua/fala e propondo um deslocamento dessa dicotomia para o par língua/discurso, sendo a exterioridade plenamente constitutiva desse novo objeto.

Considerações finais

Depois de realizarmos este percurso, podemos dizer que observamos tanto regularidades quanto singularidades.

A singularidade se dá, por exemplo, no referencial teórico saussureano, pois somente um dos textos se pautou pelos Escritos, enquanto a maioria tem, no Curso, o seu fundamental aporte teórico; além disso, enquanto a maioria dos textos trabalha com e na teoria, um determinado texto trabalha com o estatuto de cientificidade e

autonomia da disciplina linguística; outro ainda, se singulariza por tratar das dificuldades teórico-metodológicas advindas exatamente por tratar da linguagem com a proximidade que com ela se tem.

As regularidades se ancoram no encontro das reflexões desenvolvidas em diferentes temporalidades: o que se dá na contemporaneidade está para o horizonte de projeção quando da fundação das ciências linguísticas assim como o legado saussureano está no horizonte de retrospectão para toda a complexidade teórica que adveio de então. Porém, não temos nem mesma direção nem mesmo sentido, pois são múltiplos os caminhos embora haja sempre, entre eles, pontos de apoio ou ancoragem. É isso que vemos no conhecimento produzido e que circula na revista *Organon*.

Concordamos com Ilari (2009, p. 2) quando ele nos coloca que nesses cinquenta anos de Linguística (para o autor, o marco inicial é um primeiro texto de Mattoso Câmara, ao qual não nos referimos aqui, mas que fora altamente inovador na época e se baseava já na recente ciência, a Linguística): que foi (tem sido) uma disciplina extremamente dinâmica, pelos motivos por ele apontados, a saber: ter criado na sociedade brasileira a figura de um pesquisador profissional da linguagem, o linguista, o qual assumiu parte das tarefas antes destinadas às tradicionais figuras do gramático e do filólogo; ter cultivado o debate entre várias orientações teóricas, multiplicando, com isso, as maneiras de pensar a língua e seu estudo; ter servido de suporte para a assimilação de uma série de teorias sobre fenômenos em que a língua se envolve. E acrescentamos a isso, a importância da divulgação sistemática, acadêmica e institucionalizada das práticas deste pesquisador.

Com isso, visamos a dar mais um passo na compreensão da grandeza dos ensinamentos de um pensador que, nesses 100 anos, consolidou o estudo da língua, pois é no cumprimento de um destino

que objeto e pesquisador, complementando-se, constroem um processo, processo esse que faz com que continue a existir a pesquisa linguística, a qual só se completa quando efetivamente se dá a comunicação entre o cientista e o seu público.

Referências

ALTMAN, Cristina. **A pesquisa linguística no Brasil** (1968-1988). São Paulo: Humanitas/FFLCH/LSR, 2003.

AUROUX, S. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

BIOJONE, Mariana Rocha. **Forma e função dos periódicos científicos na comunicação da ciência**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Biblioteconomia e Documentação – CBD da Escola de Comunicações e Artes – ECA da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, SP: USP, 2001.

COSTA, Maria Teresa Ferreira da. **O uso de periódicos científicos eletrônicos nas instituições do Ensino Superior Público em Portugal**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras de Lisboa, Departamento de Ciências Documentais. Lisboa, Portugal: Universidade de Lisboa, 2008.

GUIMARÃES, E. Política Científica e Produção de Conhecimento no Brasil (uma aliança tecnológica). In: _____. **Produção e Circulação do Conhecimento**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2003. p. 193-200. v. 2

ILARI, Rodolfo. **Linguística e ensino da língua portuguesa como língua materna**. Disponível em <<http://www>

museulinguaportuguesa.org.br>. Acesso em 27 de marco de 2013.

LAGAZZI-ROBRIGUES, S. A língua portuguesa no processo de institucionalização da linguística. In: ORLANDI, E. e GUIMARÃES, E. (orgs). **Institucionalização dos Estudos da Linguagem**. A Disciplinarização das Ideias Linguísticas. Pontes, 2002. p 13-22.

LOBATO, L. M. P. Teorias linguísticas e ensino do português como língua materna. In: **Revista Tempo Brasileiro**: Linguística e ensino do vernáculo. n. 53/54, RJ, 1978.

RODRIGUES, Aryon da S. Tarefas da Lingüística no Brasil. In: **Estudos linguísticos: Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 1, n. 1. Centro de Lingüística Aplicada, São Paulo, 1966.

Páginas consultadas

ORGANON. Os estudos enunciativos: a diversidade de um campo, v. 16, n. 32-33, 2002. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/issue/view/1699>>. Acesso em 27 de marco de 2013.

ORGANON. Estudos de fonologia e de morfologia, v. 18, n. 36, 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/issue/view/1732>>. Acesso em 27 de marco de 2013.

ORGANON. Metáfora em perspectiva, v. 21, n. 43, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/issue/view/2090>>. Acesso em 27 de marco de 2013.

ORGANON. Aquisição da linguagem: diferentes

perspectivas, v. 29, n. 46, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/issue/view/2094>>. Acesso em 27 de marco de 2013.

ORGANON. A pesquisa em Análise do Discurso no PPG-Letras/UFRGS e sua expansão institucional, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/issue/view/1661>>. Acesso em 27 de marco de 2013.

Enviado em: 20/11/2015

Aceito em: 20/12/2015